



Vestimentas dos povos originários como expressão de resistência¹

Maria Carolina Gonçalves Rodrigues²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de aculturação dos povos originários na América Latina a partir de sua tradição têxtil. A análise será feita sobre evidências encontradas no Chile, na Venezuela, na Mezo América e El Salvador, dada a existência de documentos sobre a “vestimenta mãe” de povos originários, como o huipil. Trata-se de “Fichas de Mercado” referentes à produções do Chile organizadas para a exportação do artesanato indígena para a Europa, no ano de 2008. O resultado revela um panorama da situação em que os povos originários vivem na América Latina, nas particularidades acima indicadas, uma vez que a dinâmica e consequência do sistema pós-moderno em vigor, altera a vivência, tradição e relações entre diversas culturas em um mesmo território, o que fez surgir uma cultura de resistência que se expressa nessas vestimentas.

Palavras chave: Povos originários, América latina, tradição, cultura.

Abstract

The aim of the present article is to reflect about the acculturation process of the native people from Latin America, starting from their textile tradition. The analyses will be done about found evidences in Chile, Venezuela, MezoAmerica and El Salvador, given the existence of documents about the “mother dress” from native people, such as the huipil. They are market tokens referring to Chile productions organized to exportation of indigenous craft to Europe, in 2008. The result reveals a landscape of the situation which native people live in Latin America, in the particularities above cited, once the dynamic and consequence of the postmodern system currently in use modify their experiences, traditions and relations among different cultures on the same territory, which caused a resistance culture.

Key Words: Native people, Latin America, tradition, culture.

¹ Artigo produzido para a disciplina América, Américas: lutas sociais, diversidades e identidades (América IV), pela graduação em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em dezembro de 2016.

² Graduanda em História pela PUC-SP. E-mail: caroldrigues01@gmail.com



A produção e os símbolos nas vestimentas tradicionais dos povos originários são essenciais para compreender a situação em que vivem, desde a chegada dos europeus na América Latina. No presente artigo serão estudadas as tradições artesanais textis de povos originários da Mezo América, os quais produzem o huipil, vestimenta mãe, sendo o modelo mais sofisticado o do sudoeste do México. As regiões de produção dessa vestimenta mais sofisticada são: Oaxaca, Chiapas e Guerrero, em especial os povos da etnia triqui, localizada em Oaxaca perto da divisa com Guerrero e, também, o povo Mazateco, cuja tradição e resistência ao avanço pós-moderno possui longa trajetória. Da mesma forma, a etnia amuzgos, do Estado de Guerrero, foi base da pesquisa e este se estende um pouco para além da fronteira com Oaxaca e em Chiapas com extensa propagação da tradição textil de povos originários, inclusive de legado puramente asteca.

No Chile, o artesanato indígena também é muito presente e quando relacionado a produções textéis se vincula, em maior parte, no Norte do país, especificamente na zona do Aymara, mas também se mostra presente em outras regiões. São confeccionadas vestimentas com alto valor simbólico como as *chuspas* e as *inkuñas*. Já a Venezuela sua população em geral e na atualidade é apresentada como exemplo, a fim de ilustrar, a aculturação como resultante da pós-modernidade.

Para explicar a importância das vestimentas tradicionais, sua mudança no decorrer dos séculos e sua relevância atual, foram usadas fichas de mercado e de catalogação de peças artesanais,³ estudos sobre a “vestimenta mãe”, o Huipil, e textos oficiais do Consejo Nacional de la Cultura y la Arte do Chile, assim como blogs⁴ sobre os costumes e tendências da sociedade venezuelana. Já a análise da particularidade Mexicana e Venezuelana apontada acima, foi baseada em documentos diversos, tais como, documentos constantes na tese de Alejandra Jiménez García⁵, para o caso Mexicano. A partir do amadurecimento sobre o tema,

³ **Ficha de Producto de El Salvador hacia el Mercado de la Unión Europea.** (12/2008) in <http://www.proesa.gob.sv/>. Mais de 80 fichas de mercado relativas ao Chile estão disponíveis no **Chile Artesanal Patrimonio hecho a mano Estudio de Caracterización y Registro de Artesanías con Valor Cultural y Patrimonial.** Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. Colección Patrimonio Primera Edición, 2008. In <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/documentos>.

⁴ **Moda e identidade.** In: <http://venezuelacoolhunting.blogspot.com.br/2012/08/moda-e-identidad.html>

⁵ GARCÍA, Alejandra Jiménez. **Indígenas del Mundo Moderno, Aculturación de las etnias mexicanas ejemplificadas por medio de los textiles.** Buenos Aires, 2009. Projeto de graduação. Facultad de Diseño y Comunicación, Universidad de Palermo.



pudemos nos aventurar na pesquisa em blogs e outras fontes encontradas na internet.

Tais roupas artesanais e tradicionais são produzidas a partir de matéria prima, em sua maioria natural e por mulheres artesãs, o que será descrito posteriormente, ilustrando grande simbologia nas comunidades originárias. Todos os povos alvo dessa pesquisa compartilham dessas características, além de serem tecidas em teares presas às cinturas das tecedoras, cuja justificativa simbólica é, também, a mesma para o caso do Huipil na Mezo América, como no Chile com as chuspas e inkuñas.



Índigena com tear na cintura in: Projeto de graduação de Alejandra Jiménez García⁶

O panorama social e econômico atual em que os povos originários da América latina vivem não é favorecedor à continuação de seu modo de vida ancestral e ao desenvolvimento de suas tradições culturais, o que se desdobra desde a chegada dos europeus às Américas, quando as culturas indígenas começaram a ser submetidas a uma longa trajetória de repressão e muitas vezes rodeada por etnocídios⁷, somado à mudança de organização e dinâmica mundial, ditada pelo capitalismo e pela globalização. É por causa dessas mudanças de ordem mundial e do contato com grupos opressores e aproveitadores, que tais populações originárias foram massivamente reduzidas e forçadas a encontrar meios de sobrevivência de suas tradições seculares, o que se expressa no sincretismo

⁶Idem.

⁷Idem, idem.



recorrente. Este sincretismo carrega em si a identidade e cultura da comunidade em a que a artesã vivee as experiências de sua aculturação pelos opressores. São vários os significados de sincretismo, conceito polêmico entre estudiosos, pois muitos o consideram negativo ao poder ser entendido como mistura confusa de vários elementos etambém como imposição de evolucionismo e colonialismo (FERRETI, 2008, p 37-50).

Portanto, sincretismo aqui referido não é apenas no sentido religioso, mas envolve toda a dimensão cultural. Isso se deve ao fato de que, a chegada dos espanhóis à América Latina e a introdução do colonialismo, impõe a cultura européia da maneira mais prepotente possível, segundo Espinosa e Gilyam (2012). Vale lembrar que Peter van der Veer (2005) afirma que o sincretismo se refere a uma política de diferença e identidade, logo, a noção de poder é essencial, nesse raciocínio, pois aquele que mais tivesse poder conseguiria se impor culturalmente e ideologicamente sobre o outro, forçado a buscar outros meios para garantir a sobrevivência de suas tradições e crenças.

Devido à necessidade de encontrar meios de sobrevivência cultural e religiosa o sincretismo é, também, uma forma de reinterpretação, ou seja, revela a existência de características de mudança cultural juntamente com a transformação de valores que ocorrem ao passo que as gerações se alteram. Dessa forma, é possível afirmar que o sincretismo não é um termo fixo, seus significados são constituídos e reconstituídos ao decorrer da história. Portanto, esse termo permite assimilação de elementos de diferentes culturas, em outra, no caso, a apropriação de traços culturais europeus na tradição cultural e religiosa nativa da América Latina.

Assim, o sincretismo ao ser considerado a fusão entre diferentes tradições culturais e juntamente com o hibridismo forma uma força criativa grandiosa, o que produz novas manifestações e formas culturais. Esse fenômeno gera, na pós-modernidade, de acordo com pesquisadores, a ideia de que o sincretismo dever ser substituído por multiculturalismo, uma vez que o termo ilustra, segundo Semprini (1999), as transformações pelas quais as sociedades pós industriais estão passando, o que poderia ser um indicador da crise do próprio projeto da modernidade, cujo principal ator é a globalização, que tem como objetivo a homogeneização da sociedade. Desse modo, o multiculturalismo se opõe ao etnocentrismo que valoriza preconceitos raciais e é contra a relativização, embora muitos questionem também de que essas emergências de novas formas de culturas implicam no aumento de fundamentalismos (idem, idem).



A possível crise do sistema pós-moderno estaria vinculada ao problema da identidade cultural, pois o período o qual a modernidade passa é organizada e ditada pela nova ordem mundial onde a economia de mercado dita as regras e todos os processos modernos se encontram acelerados e a cultura global se expande de forma homogeneizante, por isso emergem movimentos étnico nacionalistas e religiosos fundamentalistas, como protesto a esses processos de modernização e globalização. Assim, a modernidade rompe com a visão da própria natureza, já que separa o moderno do meio ambiente natural, isso revela choque de visões entre os povos originários e o mundo capitalista moderno.

Dessa maneira, aumenta consideravelmente a diferença entre o modo de vida das populações originárias em relação à das sociedades capitalistas, gerando uma situação de exclusão e isolamento para tais populações indígenas. Uma vez que não inseridas no contexto econômico capitalista, vivem a negação dos direitos e possibilidades a que o restante da sociedade mundial tem acesso. Muitas vezes todo esse contexto é usado como justificativa da situação de pobreza, exclusão e marginalização que muitos povos originários enfrentam.

Tal discussão é essencial para compreender a importância das tradições culturais originárias referentes às vestimentas, isso por que elas ilustram a diferença não apenas do modo de vida, mas de concepção de mundo, religião, cultura e de relação com todos os outros seres do planeta. Por isso, o conceito de identidade e de cultura se tornam essenciais já que segundo Levi-Strauss: (...) a diversidade das culturas raramente foi vista como um fenômeno natural, mas como um escândalo e recusar a admitir a diversidade cultural é um fenômeno profundamente enraizado na maioria dos homens. (FERRETI, 2008:3)

Com o seguinte contexto, a própria identidade é formada a partir da "interação" entre o mundo e o eu, segundo Stuart Hall (2006), o núcleo pessoal é modificado por essas relações com o outro, projetando uma identidade cultural que é compartilhada por causa dessas interações, ao mesmo tempo que essa cultura é apropriada pelo indivíduo fazendo parte dele, isso possibilita à pessoa reproduzir essa identidade cultural, compartilhada, em suas produções, isto é, a identidade costura o sujeito à estrutura. (HALL, 2006. p.12) É de extrema importância entender a diferença das visões entre os povos originários e a das sociedades contemporâneas capitalistas, para tais povos a tradição e o senso de comunidade é vital, assim a afirmação de Anthony Giddens (1990) se torna possível:

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na



continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990:37-8)⁸

O pensamento dos povos originários e a própria estrutura de suas vidas e comunidades é baseada na espiritualidade, de modo que a sua resistência também é pautada nisso. Os costumes desses povos são frutos de conhecimentos seculares passados a diante de forma oral e de geração em geração, nessa concepção, portanto, conhecimento de um povo é um patrimônio coletivo e surge da existência prática, as vestimentas tradicionais podem ser inseridas nesse contexto. Porém, o conhecimento para os ocidentais seria apenas aquele relacionado à ciência, de maneira a negar não apenas um tipo de saber diferente do seu, como também, rejeitar a diversidade cultural.

Existem várias razões para a delibitação do saber dos povos originários, uma das mais importantes é a deteriorização e a redução do espaço onde se desenvolve a cultura e o conhecimento de um povo, ou seja, do território, os povos indígenas estão em busca da descolonização com a construção de um conhecimento intercultural. Esse fato gera desconforto e choque com o atual sistema mundial, intolerante e em busca da homogeneização, pois avança cada vez mais nas áreas onde os saberes seculares desses povos resistem e ainda se desenvolvem. O território, seria então um espaço de conhecimento coletivo do povo que ali vive, isso implica a construção material e simbólica desse espaço e assim o converter em um ambiente novo havendo o vínculo emocional, uma identificação da pessoa com o território. Dessa forma, é uma apropriação cultural, social, econômica, ecológica e, somente por último, política.

Entretanto, tal relação entre os povos originários e o território está ameaçada desde o início da colonização, mas se agravou com a pós-modernidade e os avanços tecnológicos, somados a necessidade de mais espaços para o desenvolvimento de indústrias e pesquisas. Essa situação força os povos a migrarem para outras regiões e tentar a inclusão no sistema econômico, as medidas são importantes, pois as vestimentas tradicionais além de ser um meio de dar continuidade à seus conhecimentos coletivos, é também uma forma de se inserir nessa dinâmica.

⁸ Idem, p.14-15.



Os povos originários pensam, tradicionalmente em coletividade, pensar individualmente como o mundo ocidental não é costume indígena, além de enxergar a realidade a partir de símbolos, de forma que toda a sua vida e realidade, seu universo, está baseado na espiritualidade, isto é, nos signos, símbolos, ritos, cerimônias.... A partir disso, há a defesa de que o pensamento ocidental com a escrita é imposto a fim de se desvalorizar o pensamento indígena que por sua vez tem sua própria característica. Sendo assim, vale lembrar, todo o conhecimento é coletivo, inclusive as vestimentas tradicionais, tudo pertence a comunidade, ao povo.

Com base nesse contexto, a produção das vestimentas tradicionais pode ser considerada como uma resistência cultural, isso por que da sua venda até o modo como é confeccionada representa sua luta pela sobrevivência e espaço. O sistema colonial implantado na América interrompeu a produção e propagação das histórias nativas, além de alterar a ordem social e ideológica dos povos e culturas nativas, isso por que os colonizadores negaram as experiências culturais das populações e introduziram suas concepções. Somado a isso, ainda houve massiva repressão e controle da cultura nativa e de sua reprodução, em especial de seu idioma e medicina, baseada nas plantas. Por isso, os povos originários desenvolveram estratégias contra essa repressão cultural.

Essa estratégia tinha que formular meios de ser ocultada e portanto, possui uma forte tendência de ser codificada, tanto no sincretismo religioso, e com o tempo cultural, como também na elaboração de suas vestimentas e em toda a simbologia que carregam. Tal simbologia traz em si uma cosmogonia diferente própria, mas cada vez mais é menos conhecida, tanto em sua elaboração como em seu significado e interpretação. Um dos maiores exemplos dessas vestimentas pertencentes a essa cultura é o huipil, tecido e usado em diferentes lugares na Mezo América, e considerado como a "vestimenta mãe" não só por causa de sua beleza, mas também por causa de seu significado social, simbólico e de interpretações, muito próprios.

Dessa maneira, os povos originários reconstruíram e encontraram um meio de reproduzir suas identidades nessa resistência e de forma segura, uma vez que o colonizador não compreendia os símbolos e aceitavam o trabalho textil diários dessa população. Havia-se estabelecido, portanto, a reprodução de todas as cosmogonias, cada desenho feito nessa vestimenta tem um significado diferente, representa um aspecto de uma cosmogonia, forma, então, um canal de comunicação e informação de costumes e são transmitidos desde o nascimento. Não apenas o Huipil no



México, as *chuspas*⁹, no Chile, carregam em si igual importância simbólica, é possível ver os símbolos representando uma cosmogonia em toda a peça.



Ficha nº 28 in: catálogo Chile

As imagens aqui utilizadas foram retiradas de fichas catalogadas para uma feira nacional de artesanato no Chile. Tais instrumentos iconográficos são documentos, pois, segundo Picoli (2012) ajudam no estudo e formulações da fonte oral. Devido sua íntima relação, a imagem é um objeto de memória, ainda vive na aceleração do tempo na contemporaneidade e em sua necessidade de proteger espaços que permitem a continuidade de uma tradição.

As imagens, assim como a da *chuspa*, ajudam apenas a classificar a evidência, fazem parte de uma análise muito mais profunda e para além de sua produção. Elas fornecem autenticidade e ajudam a buscar origens e significados, nesse caso auxiliam o entendimento de resistência cultural, a partir dos símbolos em toda a sua extensão.

O caráter de resistência cultural se entrelaça ao de sincretismo, uma vez que durante o período colonial os huipiles eram colocados na imagem da virgem Maria quando ela era desfilada pelas comunidades nativas, aclamada não por que os povos tinham se convertido à religião católica, mas sim por que a imagem estava vestida com os símbolos de suas crenças, era uma maneira de resistência. Porém, com o tempo, o huipil passou a ter desenhos que representavam a religião cristã, um exemplo é o desenho da lua que passa a representar a virgem Maria. Dito isso, os desenhos dos huipiles são símbolos da cosmovisão dos povos originários mesclada com a cristã, ou seja, se trata de um sincretismo de vários séculos,

⁹Doc. Ficha catalográfica nº 028. In RODRÍGUEZ, María Celina et alii. **CHILE ARTESANAL. Patrimonio hecho a mano.** Estudio de Caracterización y Registro de Artesanías con Valor Cultural y Patrimonial. **consejo nacional de la cultura y las artes. pontificia universidad católica de chile.** consejo nacional de la cultura y las artes. Chile. 2008.



contendo em si muitas outras manifestações de vida coletiva e religiosa dos povos originários.

Tais vestimentas são de uso feminino e os desenhos variam de acordo com cada artesã que a confecciona e a idade de quem a usa, ou seja, há huipiles próprios para crianças, mulheres solteiras, casadas e entre outros. É importante frisar que a produção dessa roupa é feita apenas por artesãs, a confecção é associada às mulheres, pois espelha a criação ou a própria vida, ambas entendidas como desenvolvimento a partir de um fio, apenas a mulher concede a vida.

O paralelo da mulher como geradora da vida também está associada a própria mitologia, quem tece os fios, dá um sentido à eles juntos, ao costurar, as tecedoras contam uma história, de forma que estão desenhando o universo que enxergam. Por que tecer é, historicamente, visto como um trabalho de criação, um parto, uma vez que tecer é criar novas formas e não somente reproduzir ou codificar realidades distintas, a artesã tem o poder de tirar um pouco de sua própria substância. O ato de tecer e o próprio fio, desde a antiguidade estão associados ao destino, à construção do futuro e da predestinação, de forma que a tecedora e o seu ofício possam representar o universo inteiro, assim, como baseado nos conceitos vistos anteriormente, as vestimentas podem ilustrar a identidade cultural das tecedoras, pois a partir de sua vivência, de suas experiências, ela apropria uma identidade e cultura coletiva e passa um pouco de si para a sua produção, ela imortaliza o seu universo, revela a estrutura e dinâmica dos povos originários a que pertence.

Essa característica se revela, também, na forma como é costurado o huipil, o tear tem uma de suas pontas presa à uma estaca no solo e a outra ponta presa à cintura da artesã, isto é, a artesã ao tecer o huipil faz movimentos de forma que os símbolos e toda sua interpretação partem de seu próprio corpo, de sua identidade. Não esquecendo que as comunidades originárias tem princípios de reciprocidade, equilíbrio e coletividade, logo, cada indivíduo é essencial para montar uma cultura, o saber é coletivo, como dito anteriormente.

Dessa maneira, o sincretismo se mostra e se faz presente, fica mais perceptível nos detalhes da vestimenta, como a própria costura. As cores eram todas alcançadas a partir de recursos naturais, como plantas, sementes, conchas e até mesmo de vermes, porém, com o tempo, avanços tecnológicos e alcance do mercado capitalista, fios sintéticos as vezes são usados, assim como o corante da cor verde e algumas técnicas européias.

O valor da tradição e do conhecimento coletivo é ilustrado nas vestimentas, pois as tecelãs passam o conhecimento da produção dessas roupas de geração em



geração, de mãe para filha, significa, então, que as aprendizes iniciam muito cedo, a fim de se ter total domínio das técnicas. Quando as vestimentas são finalizadas elas não pertencem à pessoa que a produziu ou usou, e sim a comunidade inteira.

Segundo a autora Alejandra García (2009) a tradição e sincretismo nas vestimentas são mais encontradas em roupas femininas e nem tanto nas masculinas, isso porque as masculinas já passaram por maior processo de incorporação e apropriação de ideais culturais europeus e norte americanos. Sua dissertação revela a atual situação em que vivem os povos originários, já que com o avanço externo à seus territórios, a produção de corantes naturais e até o sustento dos povos se torna mais difícil, além de que o número de sua população cada vez mais diminui. Somado a isso, a estrutura dessas comunidades é baseada no princípio de reciprocidade, na qual muitas vezes a moeda, vital ao sistema econômico capitalista, não é utilizada, porém o sustento desses povos cada vez mais se torna precário, pois muitas vezes são excluídos da dinâmica moderna mundial, como descrito anteriormente.

Contudo, a produção de roupas e outros objetos artesanais tem se mostrado como forma de sustento para tais povos, uma vez que a partir da venda de tais peças conseguem se sustentar e inserir na dinâmica de mercado atual. Mesmo assim, devido à migração rumo as cidades, a redução de tais comunidades avança, de forma a diminuir, por exemplo, os grupos de artesãos e por assim dizer, da produção da cultura de resistência estabelecida desde a colonização.

Outros casos latino americanos

Na Venezuela, por exemplo, as vestimentas revelam alto nível de aculturação desde o século XIX, onde as roupas tanto femininas como masculinas passaram a imitar a moda européia, no início espanhola, depois francesa e atualmente a norte americana. A população mestiça como se compunha seguia a métrica internacional e estrangeira. (blog Moda e identidade)

O processo de incorporação dessas características, exemplificadas pelas roupas, revelam justamente o panorama homogeneizante pelo qual a sociedade mundial passa, na qual a globalização repassa tendências a fim de moldar e lucrar, consolidando cada vez mais a ordem mundial de mercado. Contudo, como já explicado, essa ordem força o contato com outras culturas e assim gera movimentos identitários que podem levar ao fundamentalismo.

Identities próprias, portanto, são buscadas em vários locais, na Venezuela as roupas ilustram isso, já que em busca de manter uma memória cultural antiga e tradicional passa a fundir características européias, norte americanas e tradicionais



venezuelanas. Logo, é outro exemplo de sincretismo e multiculturalismo, assim como busca de uma identidade própria.

Isso é importante, pois o avanço dessa ordem mundial em choque com a busca de identidades próprias, revelam estruturas tradicionais como a de povos originários, seus descendentes ou excluídos dos direitos que tentam continuar a existir, para isso se adequam à dinâmica de mercado atual, o Chile e El Salvador são exemplos para isso. O artesanato se mostra como uma manifestação cultural e identitária com características próprias de lugar para lugar, como ocorre com o huipil na Mezo América, dessa forma várias peças de artesanato passam a ser a resistência ao modo industrial em expansão, principalmente quando passam a ser exportados.

Existem órgãos governamentais e não governamentais com parcerias com produtores e confeccionadores de artesanatos legítimos, cujo lucro se torna sustento e alternativa para populações não totalmente inseridas na dinâmica capitalista de mercado, fichas de mercado são exemplos, como o trecho de ficha de El Salvador, sobre os consumidores:

El consumo en la Unión Europea de textiles decorativos se incrementó un 7.8% durante el periodo del 2002 al 2006, alcanzando 28.7 millardos de euros en el 2006. El consumidor más grande es Alemania con 5.8 millardos (euros) en 2006, seguido por Inglaterra, Francia, Italia y España los cuales en conjunto suman el 74% del total del consumo en la UE. Así mismo los mayores consumidores de textiles decorativos per cápita son Irlanda, Inglaterra, Austria, Dinamarca, Suecia y Finlandia. Se prevé un incremento en el consumo del 2% entre los años 2006-2010. (2008)

No caso de El Salvador as parcerias com órgãos a fim de exportar objetos feitos a mão teve fim em 2006. A ficha de mercado apresentada continha inúmeras informações, desde a definição de artesanato, até seus preços e projeções para o futuro, incrivelmente detalhada, porém revelando a falta de esperança de se manter tal comércio em escala internacional, pelo menos com produtos diretamente daqueles que os produziam.

No Chile, o cenário para a venda e propagação de artesanatos se mostra diferente, o governo chileno com o conselho nacional da cultura e arte não se propõe a fazer parcerias a fim de vender as produções artesanais, mas sim incentiva a confecção de tais peças além de criar políticas públicas que beneficiem esse tipo de produção.

A ação chilena pode ser interpretada como uma tentativa de encontrar uma identidade própria, além de promover ações e reconhecimento cultural internacional:



(...) Chile cuenta con una gran diversidad de expresiones artesanales que dan cuenta de su riqueza patrimonial. En ellas se expresan el saber ancestral y el sincretismo cultural propio de nuestra historia, lo que permite proyectarlas en función de su conocimiento, valoración y fortalecimiento. La importancia del sector artesanal radica también en el aporte que significa en términos sociales, culturales y económicos para el desarrollo del país, ya que posibilita el reconocimiento de nuestra identidad, la valoración de una expresión humana y una actividad productiva sustentable. (...) necesidad de dar respuestas y proponer acciones conjuntas para el sector artesanal creando para este fin un espacio de trabajo específico. (Artesanía-nossa cultura viva)

O Chile, então, é um exemplo para se falar também de sincretismo cultural nas vestimentas, pois parte do artesanato, foco de investimento, é produzido grande parte em comunidades indígenas e revelam características extremamente parecidas com o huipil, ou seja, revela as cosmogonias e crenças em sua forma de produção, isto é, por artesãs e pelas imagens, símbolos de sua cultura repleta, como é o caso das *chuspase* as *inkuñas*. Essas são vestimentas tradicionais, as *chuspas*¹⁰, eram bolsas para levar açúcar ou a coca, já as *inkuñas*¹¹ eram panos com funções ritualísticas, ambas as peças eram e são as mais tradicionais da cultura originária chilena, e produzidas por mulheres.



Fichas nº 9 e 13 (*Chuspas* e *Inkuña*). Catálogo Chile.

Assim como no caso da Mezo América, no Chile, as vestimentas masculinas não possuem o mesmo caráter simbólico tradicional e de resistência como as roupas femininas. Relacionado às peças masculinas a apropriação de características

¹⁰Doc. Ficha catalográfica nº 009, 028. In RODRÍGUEZ, María Celina et alii. **CHILE ARTESANAL. Patrimonio hecho a mano**. Estudio de Caracterización y Registro de Artesanías con Valor Cultural y Patrimonial. **consejo nacional de la cultura y las artes. pontificia universidad católica de chile**. consejo nacional de la cultura y las artes. Chile. 2008.

¹¹Doc. Ficha catalográfica nº 013. In Idem, idem.



européias foi muito maior, desde o seu estilo, como também modo de confecção e matéria prima.

A venda, propaganda e produção das vestimentas tradicionais podem ser vistas como resistência ao modo de vida capitalista, apresentando meios alternativos de sobrevivência cultural, econômica, social e territorial sem estar mergulhado no atual sistema de mercado. Ao analisar fichas catalogadas pelo governo chileno sobre os itens apresentados como um panorama nacional de artesanato, pode-se observar uma maioria de itens confeccionados por povos originários, ilustrando suas tradições, crenças e modos de vida. Como se vê na tabela a baixo:

Referência Cultural	Quantidade de peças artesanais	Peças artesanais na categoria textil	Peças artesanais de outras categorias
Indígena	71	32	39
Criollo	44	8	36
Contemporânea	11	3	8
Mestizo	22	2	20
Total	148	45	103

Ao interpretar os números na tabela, relacionados à produção dos povos originários, e tendo como base a defesa de que ao se confeccionar artesanato como forma de se posicionar contra o modelo capitalista atual da sociedade, deduz-se que os povos originários estão lutando para não perder seu território e seus costumes. Sua produção textil, assim como as outras categorias, citadas na tabela, revelam uma cultura de resistência ao processo homogeneizante, não desistindo e mostrando que há meios de se impor contra a correnteza pós-moderna.

Sabe-se que outros países latino americanos, como Argentina e Colombia possuem projetos de revitalização identitária a partir da cultura dos povos originários, o que podem ser vistos com vestimentas de maneira similar, a partir de projetos encontrados entre Chile e esses países (Argentina Políticas públicas de artesanías, Modelo de intervención Territorial de AdC, in <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/>).

Portanto, a partir das vestimentas tradicionais e dos costumes atuais na América Latina, percebe-se a luta pela tradição originária a fim de não ser



esquecida. Os problemas sociais, econômicos e de identidade pelos quais passam, principalmente os povos originários, são ilustrados através das vestimentas não apenas com os símbolos nelas, mas sua própria venda como resistência à exclusão a que vivem. Somado a isso, o sincretismo se mostra como uma forma de sobrevivência, pois permite a cultura e identidade a continuar existindo, adaptando essa ao meio que a ataca.

A dinâmica mundial atual é traiçoeira, não se importando no que interfere ou destrói, ao contrário, incentiva o desaparecimento de culturas, identidades e povos, ao fazer uso de mecanismos desvalorizantes da alteridade. Nesse sentido, a aculturação de povos facilita a expansão e poder da atual conjuntura econômica social, porém revela riscos como por exemplo, o fundamentalismo.

Fontes

Ficha de Producto de El Salvador hacia el Mercado de la Unión Europea. (12/2008) in <http://www.proesa.gob.sv/>

Mais de 80 fichas de mercado relativas ao Chile estão disponíveis no **Chile Artesanal Patrimonio hecho a mano Estudio de Caracterización y Registro de Artesanías con Valor Cultural y Patrimonial.** Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. Colección Patrimonio Primera Edición, 2008. In <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/documentos>

Referências bibliográficas

ALDROVANDI, Cibele Elisa Viegas. **Princípios da Arqueologia da Imagem.** In _____. As exéquias do Buda Sākyamuni : morte, lamento e transcendência na iconografia indiano-budista de Gandhara. São Paulo, USP, 2006. Tese de Doutorado, p. 11-49.

Argentina, Políticas públicas e artesanías. **MATRA, Cultura Argentina.** Ministério da Cultura, Presidencia de la Nación. In: <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/> acessado em 10/11/2016.

Artesanía chilena. In: <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/> acessado em 10/11/2016

Artesanía, Nuestra Cultura Viva. **Servicio de Cooperación Técnica. Sercotec.** Pontificia Universidad Católica de Chile. Programa de Artesanía. Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. Programa Artesanía. In: <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/> acessado em 10/11/2016

Cadenas, Sergia, Sincretismo cultural en dos tradiciones venezolanas. **Revista de Artes y Humanidades UNICA** 2010, 11 (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 13/10/2016] Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=170121894005> ISSN 1317-102X <http://riuc.bc.uc.edu.ve/bitstream/123456789/1619/4/4835.pdf>



Cultura chilena. In: <http://www.cultura.gob.cl/> acessado em 06/11/2016

ESPINOSA, María Macarena; GILYAM, Mariana Giselle. **Sincretismo Cultural Mestizaje cultural en México y Perú.** UNIVERSIDAD NACIONAL DE CUYO, 2012

FERRETI, Sergio F. **Multiculturalismo e Sincretismo.** in MOREIRA, A S e OLIVEIRA, I D. O futuro das religiões na sociedade global. Uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p 37-50.

FERRETI, Sérgio E., **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural.** Universidade federal do Maranhão.

GARCÍA, Alejandra Jiménez. **Indígenas del Mundo Moderno, Aculturación de las etnias mexicanas ejemplificadas por medio de los textiles.** Buenos Aires, 2009. Projeto de graduação. Facultad de Diseño y Comunicación, Universidad de Palermo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DPG&A, 2006.

MANUAL do Fondo Indígena. Módulo espiritualidad, conocimientos e historia de los pueblos indígenas de ABYA YAL **Manual de las y los participantes,** 2008. FONDO INDÍGENA – Bolívia.

Moda e identidade. In: <http://venezuelacoolhunting.blogspot.com.br/2012/08/moda-e-identidad.html> acessado 13/10/2016

Modelo de Intervención Territorial De AdC. Mincomercio, Industria y turismo. Artesanías de Colombia. In: <http://chileartesanía.cultura.gob.cl/> acessado em 10/11/2016

PICOLI, Bruno Antonio. **História e fotografia: algumas considerações.** In Visão Global, Joaçaba, Edição Especial, 2012, p.73-84.